



O CORPO E A BELEZA AO LONGO DOS TEMPOS

Dossier Temático

Índice

O corpo ao longo da História.....	1
Sumérios	1
Egípcios	2
Roma Antiga.....	4
A Beleza da Mulher Romana	5
Celtas	6
Mongóis	7
Oriente.....	7
O culto do corpo - perspectiva actual.....	8
A Beleza ao longo da história da Humanidade	10
Evolução da maquilhagem	13

O corpo ao longo da História

Durante milhares de anos o Homem adornou o seu corpo com pinturas, escarificações, piercings. Mesmo antes de o uso de vestuário se ter imposto, as decorações corporais eram uma forma identificação face ao colectivo.

Um exemplo que ilustra perfeitamente o que acabamos de afirmar são as pinturas feitas com hena.



A hena é um pigmento extraído de uma planta, a *Lawsonia inermis*, cujo uso foi (e é ainda) muito comum no norte de África, Egipto, Índia e parte do Médio Oriente. As folhas da planta são secas e reduzidas a pó; a cor deste pó



pode variar entre o castanho-claro e o vermelho escuro.



Em países como a Turquia, o Iraque e a Arábia Saudita crê-se que traz boa sorte. Em Marrocos há uma enorme variedade de desenhos, cada um dos quais se “adequa” a uma situação particular. Assim, muitas



mulheres grávidas apresentam desenhos nos seus tornozelos para as proteger durante o parto. Estes desenhos são transmitidos de geração em geração na mesma família e mantidos em segredo.

Sumérios

Entre os Sumérios, o expoente máximo da beleza eram olhos, face e mãos bastante maquilhados. Tanto as mulheres como os homens usavam antimónio preto-azulado para realçar os olhos e escurecer sobrancelhas e pestanas.

As mulheres e, por vezes, os homens, pintavam a cara com chumbo branco (um hábito pouco saudável...). Usavam hena para colorir de

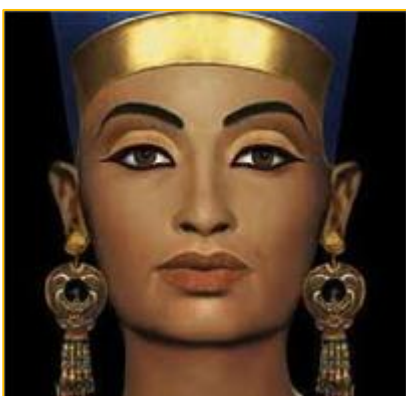


vermelho os lábios, maçãs do rosto, unhas e palmas das mãos. Ondulavam o cabelo e untavam e perfumavam o corpo com óleo.

Ocasionalmente, os monarcas usavam barbas falsas para parecerem mais imponentes.

Egípcios

Tanto os homens como as mulheres do Antigo Egito davam grande importância aos penteados, jóias, maquilhagem e vestuário.



O vestuário usado no reinado dos primeiros faraós era geralmente simples e feito de linho; com o passar do tempo, a indumentária para festas e cerimónias tornou-se mais elaborada. Mas, no quotidiano, não havia preconceitos acerca da nudez – os homens usavam uma tanga, as mulheres, um saio e as crianças andavam

frequentemente nuas.

Todas as pessoas gostavam de jóias. Os mais abastados usavam peças de ouro, prata ou cobre com pedras preciosas ou esmalte.



As pessoas de menores posses usavam pedras, conchas e marfim.

Os mais elegantes usavam cabeleiras de cabelo humano e não as comuns cabeleiras de fibras vegetais. As cabeleiras, eram muito elaboradas,

com tranças e caracóis, podendo ser tingidas de azul ou vermelho e até perfumadas. . As extensões de cabelo eram também

comuns.

As tatuagens eram bastante populares entre artistas/dançarinos/músicas e prostitutas. As tatuagens surgiam com maior frequência no peito, coxas, braços, queixo e, até, no nariz.

De acordo com ilustrações e esculturas a depilação (por vezes total) era prática corrente entre as mulheres egípcias.

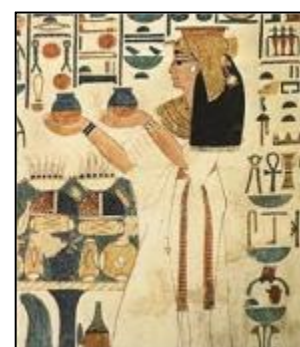




A pele era limpa e o corpo untado com óleos perfumados de flores e madeiras. Existiam já estojos de beleza, com espelhos e pinças. Homens e mulheres pintavam os olhos com khol (feito de minerais pulverizados misturados com

óleos). O blush e o batom eram já utilizados e, tal como as sumérias, as egípcias pintavam as palmas das mãos e as plantas dos pés com hena. A hena era também utilizada para colorir os cabelos, para os quais existiam loções anti-caspa e anti-queda.

A utilização de cremes anti-rugas fazia parte dos cuidados. As investigações mais recentes descobriram fórmulas de, em tre outros, compostos para remover as estrias da gravidez e para disfarçar cicatrizes.



A higiene pessoal era importante; um corpo que não estivesse limpo e do qual emanassem odores corporais mais intensos era associado a um estado de impureza pouco desejável. As pessoas

(nomeadamente as mulheres) de maiores posses utilizavam um creme de limpeza composto por água, bicarbonato e carbonato de sódio. Depois desta limpeza de pele, o corpo era esfregado com óleos perfumados, provavelmente com incenso e/ou mirra.

Ainda no que diz respeito à higiene, acrescenta-se que os mais pobres banhavam-se no rio mas os ricos tinham casas de banho com “sanitas” que, em alguns casos eram portáteis.



sol).

É no antigo Egipto que vamos encontrar os primeiros testemunhos do uso de cosméticos. Os faraós tinham nas perucas coloridas formas de distinção social e consideravam a maquilhagem nos olhos um ponto de destaque fundamental para evitar olhar directamente para *Rá* (deus -

As misturas de metais pesados davam o tom esverdeado para impregnar e proteger as pálpebras dos nobres. Cleópatra bem representou o ideal de beleza daqueles tempos.

Carismática e poderosa, Cleópatra imortalizou seu tratamento de beleza banhando-se em leite, cobrindo as faces com argila e maquilhando seus olhos com pó de *khol* (*conhecemos como lápis Kajal*).

Pérolas trituradas eram aplicadas no rosto para um efeito cintilante e como tratamento rejuvenescedor. Diluídas em suco de limão fazia-se máscaras faciais com o objectivo de atenuar traços de envelhecimento. Muitos dos costumes da maquiagem de hoje são de origem egípcia, como por exemplo: delinear os olhos, pintar as pálpebras, os lábios, as bochechas. Fazia parte dos hábitos de higiene ter o corpo depilado, massa gear com óleos aromáticos todo o corpo, cones feitos de gordura animal com perfumes eram usados no topo da cabeça entre as perucas. Reza a lenda que Cleópatra dormia com uma touca de hematita para manter-se sempre jovem, o que faz sentido já que sabemos o poder da hematita na estimulação sanguínea.

Também uma mistura de sal cristalizado, mel e sândalo era aplicada em todo o corpo e principalmente nos seios para manter a pele jovem, os seios sempre rijos e aumentar o desejo dos amantes.

Roma Antiga

Regra geral, os homens romanos usavam o cabelo curto mas havia também os que usavam penteados elaborados com postições e coloração. As mulheres elegantes recorriam a uma profissional para lhes fazer penteados complicados, altíssimos.

As cabeleiras artificiais eram tão populares que alguns bustos tinham cabeleiras em pedra. E, em Roma, durante o período áureo, as prostitutas eram obrigadas a pintar o cabelo de amarelo ou a usar uma cabeleira dessa cor. Os cabelos louros, naturais, eram importados do território da actual Alemanha.

A primeira vez que um jovem romano fazia a barba era um momento quase sagrado – os pêlos eram guardados num recipiente e oferecidos aos deuses a fim de agradecer o facto de a criança ser agora um homem. O uso de barba foi moda e deixou de o ser ao longo de todo o Império Romano. Existiam barbearias, que eram o melhor local para ouvir e/ou contar o mais recente escândalo ou boato.

A mulher romana utilizava giz para aclarar a pele, cinza ou antimónio para realçar os olhos e ocre (vermelho) para colorir os lábios.

Os cuidados com a higiene eram muito importantes na Roma Antiga e os numerosos balneários públicos, com os seus jardins, lojas e bibliotecas, eram espaços muito concorridos, nos quais os cidadãos mais endinheirados passavam dias inteiros. Note-se que a entrada (a preços bastante acessíveis) não era vedada aos pobres e era gratuita para as crianças.

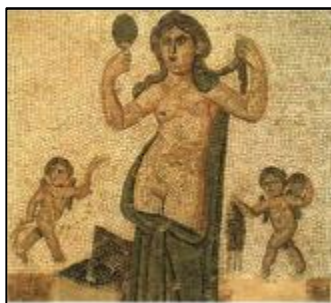
O balneário, que durante muito tempo foi misto, disponibilizava diferentes tipos de banhos e massagens.

A Beleza da Mulher Romana

Quanto mais o Império crescia, mais alto terão as mulheres romanas erguido a cabeça, graças aos extravagantes estilos de penteados que a moda ditava.

Com o desenvolvimento da sociedade romana os penteados sofreram vários estilos desde a república original até a cabeça da senhora fina do período flaviano (finais do século I d.C.), encimada por um colosso de caracóis, meticulosamente penteados.

A maquilhagem podia ser igualmente elaborada, com uma base de lanolina, a gordura extraída da lã virgem, por sobre a qual eram cuidadosamente colocadas camadas de vermelho-terra ou esbranquiçado carbonato de chumbo ou cré.



Antimónio escuro era aplicado como uma máscara em torno dos olhos, e eram usados hematite e outros minerais como enchimento, para proporcionar um brilho multicolor.

A austeridade exigida pela tradição romana fez com que os vestidos tivessem sobrevivido, em especial as graciosas linhas da sua *stola* (vestido). Mas na beleza das romanas não ficaria bem se



não usassem uma grande quantidade de joalharia sumptuosa – diademas, brincos,

braceletes, pulseiras de tornozelo (tal como hoje) e anéis –, bem como um *pallium* (casaco de passeio) colorido. Com um penteado que por si só constituía uma obra de arte, e todo aquele ouro e jóias a mulher romana rica, era uma boa montra da riqueza da família.

«Dicas» de Beleza de Plínio

Leite de burra faz a pele resplandecer de juventude, notou o historiador (e esteticista amador) Plínio o Velho (há também Plínio o jovem): as mulheres saudáveis devem banhar-se nele «até sete vezes por dia». Tratamento para sinais, incluíam a aplicação de placenta de vaca (ainda quente), ou uma mistura feita de genitais de vitela dissolvida em vinagre com enxofre. A suposta auto-indulgência e narcisismo das mulheres romanas ricas, está ligado, segundo observadores, ao posterior declínio do Império. Mas a realidade é que as mulheres ricas se tinham preocupado em cultivar uma aparência sedutora desde sempre para o melhor e para o pior. Roma foi sempre uma sociedade com uma grande preocupação e estatuto.

<http://romaparati.blogs.sapo.pt/tag/a+beleza+da+mulher+romana>

Celtas

Os artesãos celtas fabricavam belas jóias. A mais característica era o torque, um colar de prata ou ouro, que identificava os homens que ocupavam uma elevada posição social.



Entre os Celtas a higiene era importante. O corpo era lavado com água e sabão (não utilizado pelos Romanos) e esfregado com óleos aromáticos.

Os cabelos muito longos das mulheres eram considerados muito atraentes. Estas utilizavam os pigmentos de uma erva para pintar de vermelho as unhas e a face.



Os homens também cuidavam dos seus longos cabelos, que eram entrançados ou penteados para trás. Usavam barba ou, mais frequentemente, um longo bigode.



Os homens usavam calças (enquanto os Romanos envergavam togas) e túnicas de cores garridas às quais, por vezes, cosiam ... campainhas.

Mongóis

As mulheres mongóis de mais elevada posição social pintavam a cara de branco e as sobrancelhas de preto, unindo-as. Entre estas mulheres eram muito populares as toucas ricas e volumosas.

As mulheres de posição social inferior usavam calças muito largas, que lhes faziam as ancas mais largas, o que era muito apreciado pela população masculina, também apreciadora de narizes pequenos.



Oriente

Em túmulos japoneses datados de 5000 A.C. foram encontradas figuras de cerâmica em cujas faces se vêem representações de tatuagens. Estas figuras representavam pessoas que acompanhariam o morto na sua jornada pelo Além, pelo que alguns estudiosos pensam que estas marcas teriam um significado mágico ou religioso.



O primeiro registo escrito sobre a utilização de tatuagens por parte do povo do actual Japão foi encontrada num documento chinês do ano 297 D.C.. Nele se pode ler que “os homens japoneses tatuam o seu rosto e decoram o seu corpo com desenhos”. Note-se que os Chineses

falavam destas tatuagens em tom reprovador, uma vez que estas eram consideradas sinónimo de barbárie; os Chineses utilizavam-nas como punição.

A influência da cultura chinesa aumentou no território japonês, pelo que, por volta do século VII, as tatuagens não eram bem-vistas e eram também utilizadas como punição para crimes graves como a traição (desonrando assim publicamente aquele que as exibisse). Os tatuados eram banidos pelas suas famílias e condenados a uma vida à margem da sociedade.

Na China destaca-se o facto de os pés das mulheres serem enfaixados, regra geral, a partir dos cinco anos. As ligaduras apertavam os pés para que o peito do pé "quebrasse" e se dobrasse sobre si próprio.

A dor era enorme mas os pés "minúsculos" (em alguns casos não ultrapassavam os 8 centímetros) eram considerados muito belos.



O culto do corpo - perspectiva actual

Um olhar sobre a actualidade

Actualmente, as pessoas sentem que precisam de agradar logo à primeira vista. O corpo é uma mercadoria, uma imagem de troca.

O corpo é a apresentação das pessoas que, ao serem olhadas, vão ser aceites ou rejeitadas. Assim, o corpo pode transformar-se num adversário. As vítimas de acidentes têm de aprender a conviver com uma imagem estranha, por vezes monstruosa. O desafio é fazer



com que essa aparência não deforme o espírito. A essência do ser mantém-se mas a pessoa tem dificuldade em acreditar que os outros vêem esse interior, apenas retêm o horror do primeiro olhar ao espelho.

Tal como em alguns portadores de deformações provocadas por erros genéticos ou outras causas, há

falta de sintonia entre a mente e o corpo e podem surgir perturbações psicológicas. O corpo é sentido como o inimigo que afasta, assusta os outros e limita a vida nos seus vários sentidos.

Já nas patologias mentais como a dismorfia corporal (não gostar de uma parte do corpo, o que gera um desejo obsessivo de querer modificá-la) ou nos distúrbios alimentares como a anorexia ou a bulimia, é a perturbação psicológica que provoca uma distorção da imagem corporal, levando ao isolamento, mutilações e danificações por vezes irreversíveis.

Os sacrifícios que se fazem em prol de um corpo perfeito são justificados por um ideal de



beleza quase ditatorial mas aceite como normal. Muitas pessoas põem-se em causa e começam a respeitar padrões culturais mais do que a respeitar-se a si próprias.

Hoje em dia a o recurso à cirurgia plástica na sociedade ocidental banaliza-se. Mas mesmo as mais “banais” intervenções cirúrgicas comportam riscos e sofrimento. Um lifting pode paralisar o nervo facial e uma rinoplastia acarreta hemorragias nasais, equimoses e a perda parcial de sensibilidade e do olfacto durante seis meses. Todas as cirurgias plásticas implicam recuperações dolorosas e mais ou menos prolongadas.

A Beleza ao longo da história da Humanidade

Pré-história



No primórdio da humanidade, o belo encontrava-se intimamente ligado ao indispensável da época – a boa alimentação e a reprodução.

Nos olhos da rainha e dos escravos

Em 1372, quando a rainha Nefertiti se casou com o faraó Amenófis IV, a mulher egípcia se lavava toda manhã com água e carbonato de cal e esfregava o corpo com uma pasta de argila retirada do lodo do rio Nilo para manter a pele jovem. Os olhos eram maquiados com kajal, como mostram as estátuas. Até os escravos pintavam os olhos.



Testa grande na Idade Média

Para ostentar uma testa grande e cabelos louros, a mulher da Idade Média usava ingredientes como sulfureto de arsénico, cal viva, unguentos (medicamento cuja base é gordura) feitos de cinza de ouriço, sangue de morcego, asas de abelha, mercúrio e baba de lesma para depilar, polir e branquear a testa.

Cabelos pintados

Em 1908 foi inventada a primeira coloração capilar, da qual derivam as tinturas. A primeira tentativa bem sucedida de desenvolver uma tinta para cabelos, começou a ser comercializada pelo químico francês Eugénio Schueller. Escolheu um nome para a sua empresa: L'Oréal.



Bocas coloridas



Em 1915, os primeiros batons, fixados numa base de metal dourada e protegidos por uma tampa, surgiram nos salões de beleza dos EUA.

Unhas feitas

O costume de pintar as unhas nasceu na China, no século III a.C. As cores do esmalte indicavam a classe social do indivíduo. Os primeiros eram feitos de goma-arábica, clara de ovo, gelatina e cera de abelha. Os reis pintavam as unhas com as cores preta e vermelha e mais tarde dourado e prateado.



Champô

O primeiro foi produzido na Alemanha em 1890.

Idade Média

O açafreão servia para colorir os lábios; o negro da fuligem, para escurecer os cílios; a salvia, para embranquecer os dentes; a clara de ovo e o vinagre, para aveludar a pele.

Obstáculos dos cosméticos

Uma lei grega do século II proibia que as mulheres escondessem a sua verdadeira aparência com maquilhagem antes do casamento. A legislação adoptada pelo Parlamento britânico em 1770, permitia a anulação do casamento se a noiva estivesse de maquilhagem, dentadura ou cabelo falso.

Perfume



Em 2900 a.C., os mortos egípcios eram enterrados com jarros de óleo perfumado, cuja natureza ainda é um mistério. Mil anos depois, os egípcios se aventuraram por toda parte em busca de essências. Ali, os perfumes e unguentos para untar o corpo eram preparados em laboratórios dentro dos templos. No Império Romano, o perfume também ingerido (puro ou no vinho) para ocultar o mau hálito. A destilação da água de rosas e outros perfumes foi uma descoberta islâmica do século IX. O descobrimento do álcool como veículo para o perfume ocorreu no século XIV. Nem todos os povos da Antiguidade gostavam de perfume. Em 361 a.C., Agesilau, rei de Esparta, banuiu o seu uso.

Depilação

A depilação com fins estéticos foi praticada por muitas civilizações. As mulheres gregas, por exemplo, levavam a vaidade ao ponto de arrancar os pêlos púbicos com a mão e queimá-los com uma chama ou com cinzas quentes. Os cremes depilatórios também são conhecidos em todas as épocas. As mulheres árabes preparavam um xarope espesso, feito de partes iguais de açúcar e de sumo de limão com água, e o espalhavam sobre a pele, deixando-o secar, para depois extrair os pêlos. A técnica é, no essencial, semelhante à da cera. A depilação com cera é invenção de Peronet, em 1742, na cidade de Paris.

Desodorizante

O primeiro desodorizante anti-transpiração, como conhecemos hoje em dia, foi criado nos Estados Unidos em 1888.

<http://cienciadabeleza.blogspot.com/2008/02/pr-histria-no-primrdio-da-humanidade-o.html>

Evolução da maquiagem

A maquiagem é um forte aliado feminino, quando o assunto é fazer a mulher ainda mais bela, disfarçar imperfeições, dando um “tom” a mais na pele e disfarçando até noites mal dormidas.



Para as mulheres americanas, sair de casa sem maquiagem é como estar nua. Elas carregam no visual e invadem as ruas com um ar saudável, sem olheiras e muito gloss nos lábios. Já as europeias preferem um look menos arrojado atendendo ao clima mais frio e as pessoas serem mais reservadas, mas também não dispensam um lápis e rímel no olho, além do batom.



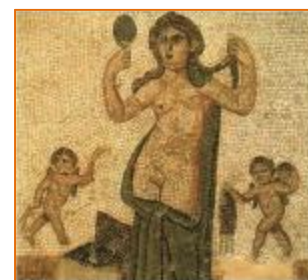
Independente de nacionalidade, a verdade é que as mulheres adoram maquihar-se. Geralmente, as pessoas não estão satisfeitas com alguma parte do rosto e por meio da maquiagem podem-se disfarçar as imperfeições e realçar a beleza.

A história da maquiagem é muito antiga. Ela começa quando os feiticeiros e curandeiros adornavam o corpo com pinturas consideradas “mágicas”. Surgem nas primeiras pinturas de guerras, mais tarde surgem na região da Mesopotâmia produtos de maquiagem à base de carvão para os olhos, henna e outros resíduos naturais. Já os Gregos tinham mais preocupações com a saúde e a beleza do corpo do que com a maquiagem propriamente dita.



No Egito a maquiagem tornou-se parte da higiene diária e toma função de requinte, assim, começa a maquiagem como ritual de beleza. As misturas de metais pesados davam o tom esverdeado para impregnar e proteger as pálpebras dos nobres. É também com a civilização egípcia que surge a distinção: "Mulher de pele clara" e

"Homem de pele escura". Cleópatra bem representou o ideal de beleza daqueles tempos. Carismática e poderosa, ela immortalizou seu tratamento banhando-se em leite, cobrindo as faces com argila e maquilhando seus olhos com pó de khol (ingrediente obtido inicialmente pelos árabes, de uma poeira preta que foi condensada e solidificada, dando origem ao produto que as mulheres usavam).



Passando para Roma, as mulheres usavam máscaras de farinha, miolo de pão e leite de jumenta durante a noite sobre o rosto para melhorar a pele.



No Japão, para obter a aparência extremamente clara as mulheres aplicavam um pó espesso e argiloso feito de farinha de arroz, chamado oshiroi. Depois passaram também a usar o beni, pasta feita do extracto de açafrão, para colorir as maçãs do rosto.

Mas, como nem tudo é só de flores no caminho, na Roma antiga a indignação masculina frente aos artifícios femininos de usar produtos para maquilhagem está registada em obras imortais, como escreveu Ovídio "Seu artifício deve permanecer insuspeito. Como não sentir repugnância diante da pintura espessa em sua face se dissolvendo e escorrendo até seus seios? Por que tenho de saber o que torna sua pele tão alva?" A maquilhagem das mulheres era tão espessa que dava para cortar "a nata da torta de queijo de cada uma das bochechas".

Os líderes religiosos expressavam a sua indignação contra o uso de artifícios coloridos, e com isso, o parlamento inglês recebeu a proposta de uma lei que tentava impor sobre as mulheres a mesma penalidade por adorno que era imposta por bruxaria. O termo desobrigava de suas responsabilidades os maridos que haviam casado com uma "máscara falsa": todas as mulheres que a partir deste acto tirarem vantagem, seduzirem ou atraírem ao matrimónio qualquer súbdito de Sua Majestade por meio de perfumes, pinturas, cosméticos, loções, dentes artificiais, cabelo



falso, lã de Espanha, espartilhos de ferro, armação para saias, sapatos altos, ficam sujeitas à penalidade da lei que agora entra em vigor contra a bruxaria e contravenções semelhantes e que o casamento, se condenadas, seja anulado.

Mas apesar da postura radical da igreja e dos costumes rígidos, a vaidade feminina venceu. Com os desenvolvimentos científicos, o acto de pintar os lábios tornou-se moda desde o século XVII, quando as pomadas coloridas tornaram-se mais acessíveis e seguras. Desde então, a preocupação com higiene pessoal foi deixada de lado, o que ironicamente contribuiu para o crescimento do uso da maquilhagem e dos perfumes, até Marilyn Monroe que era morena (isto mesmo, ela também tingia seus cabelos) usava maquilhagem clara e pintava lábios vermelhos intensos, atraindo e intensificando sua feminilidade.



Por volta da década de 20, os cinemas utilizam muito a maquilhagem em suas produções, já que os recursos eram precários, sendo esta a principal forma de modificação da aparência dos personagens. A partir de então, a maquilhagem passa a ser de uso geral.

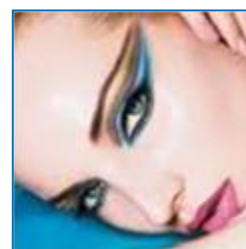


Na década de 70, as cores de maquilhagem tornaram-se populares, acompanhando as colecções de alta-costura francesa, italiana e inglesa. Toda vez que um grande costureiro lançava uma nova colecção de cores e formas para as roupas, lá vinha um tom de sombra específico para os olhos, uma nova cor de boca.

E é no final da década de 80 que entram em lançamento as fórmulas evoluídas para cosméticos pigmentados. Na década de 90,



fórmulas baseadas em tecnologia de vanguarda, cujo uso garante propriedades



bem interessantes para nossa beleza, como protecção solar, umectação e controle do envelhecimento cutâneo. Hoje podemos contar com produtos que tratam e colorem nossa pele ao mesmo

tempo, como nunca antes na história da humanidade: uma nova era, a da Beleza Inteligente, onde cada ser possa encontrar seu equilíbrio na roupa, no cheiro e na cor.

Cada década teve sua história, seu estilo:

• **Anos 30 - Olhos sofisticados e provocantes:** Sobrancelhas totalmente depiladas e redesenhadas com lápis, num traço fino, ousado e marcante. Sombras de pálpebras em pó exploravam todos os matizes, indo dos castanhos aos cinzas, e inclusive ao preto para a noite. Os cílios cuidadosamente recurvados e cobertos por máscaras para cílios. Para evitar todo excesso considerado vulgar, a maquiagem da boca tornou-se mais discreta;



• **Anos 40 - Olhos armados de guerra:** A beleza, sinónimo de saúde, era considerada uma obrigação para as mulheres. Os efeitos da guerra abalaram o mundo e o mercado de cosméticos teve uma queda em função da falta de matérias-primas. Graxa para as botas serviam como máscara para cílios, o carvão, como sombra de pálpebras, a graxa para sapatos como tintura para as sobrancelhas e pétalas de rosa embebidas em álcool produziam um blush líquido da era vitoriana. Ao longo de todo o conflito, as estrelas usaram cabelos longos, um modo de exprimir feminilidade numa época em que muitos outros meios não eram mais acessíveis;



• **Anos 50 - Olhos de gazela:** Modelados pela sombra nas pálpebras, o lápis de sobrancelha, a máscara para cílios e o delineador. A importância da maquiagem dos olhos trouxe uma infinidade de criações e reformulações de produtos. A maquiagem realçava a palidez da pele e a intensidade dos lábios. Os pós-de-arroz e compacto estavam muito presentes;



• **Anos 60 - Olhos de adolescente:** Incrivelmente maquiados transparecendo uma ousadia inocente. Na mesma época, surgiram as minissaias e as mulheres começaram a deixar de lado o clássico e ultrapassado visual fatal. A feminilidade transitava entre o comportado e o irreverente. As cores eram fortes, puras, verdadeiras: rosa-choque, dourado, verde, violeta e laranja. Os anos 60 marcam o início da cultura pop americana;



• **Anos 70 - Olhos em busca de liberdade:** A beleza toma um aspecto moral e psicológico. Não existem mulheres feias, há somente mulheres que ainda não se conhecem. Pela primeira vez na evolução da beleza, homens e mulheres podiam escolher sua aparência seguindo seu estilo de vida pessoal, e não somente as exigências da moda. A maquiagem e os cortes de cabelo tornaram-se meios de expressão de escolhas. Cabelos livres, pele bronzada e lábios brilhantes fizeram dos anos 70, uma década de beleza explosiva. A Era Disco;



• **Anos 80 - Olhos cheios de movimento:** A juventude dourada e coberta de lantejoulas tinha os lábios muito vermelhos, os olhos pintados de azul-eléctrico e as maçãs do rosto realçadas por blushes cor de tijolo. Os códigos de beleza começavam a mudar de acordo com as estações do ano. A sombra passava do castanho ao violeta e era esfumaçada, em arco-íris. Os cílios eram alongados com máscaras coloridas (verde relva e azul piscina) e a prova d'água. No topo dos anos 80, triunfava Madonna, que foi um marco da década. A beleza virou competição e as mulheres passaram a cuidar muito do corpo.



• **Anos 90 - Olhos menos cintilantes e mais decadentes:** Cansada dos agitados anos 80, as mulheres dos anos 90 apresentam uma beleza perturbadora que representa uma sociedade em fase de mutação. Tatuagem e piercings fazem do corpo um campo de expressão da feminilidade "debochada";



- **De 2000 aos tempos atuais - Olhos espirais levam ao túnel do tempo:** Fragmentos de todas as décadas passadas misturam-se e contam um pouco da história da beleza feminina por meio dos tempos. Com a chegada do novo milénio, os diversos aspectos adoptados pela beleza nos serviram de espelho. Os dois últimos anos misturam todos os possíveis estilos de moda e maquilhagem. Trazem à classe e a elegância do início do século, a delicadeza sexy dos anos 60, a irreverência dos anos 80 e a "apatia" em tom de protesto dos anos 90. Actualmente, o que se vê pelas ruas, é a valorização dos olhares, bocas, rostos.



O facto é que o mundo actual faz campanha em prol da beleza e vaidade feminina e, quem adere a esse padrão pode ser taxada de “desleixada” e não se enquadrar no mercado de trabalho ou na aceitação social.

Por esta razão, saber maquilhar-se adequadamente para cada tipo de ocasião é imprescindível para conquistar um espaço na sociedade moderna, nunca se esquecendo da beleza interior e conteúdo, que também são fundamentais para sustentar toda a formosura externa.

<http://cosmeticossimplesassim.blogspot.com>